

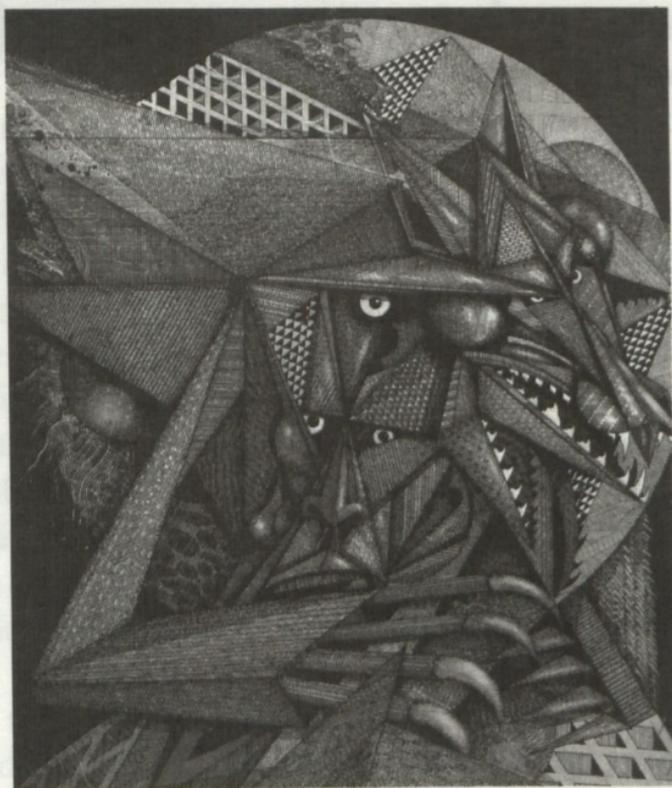
Maria Lucia Victor Barbosa

Contos da Meia-Noite



campanário

A CRIATURA



O cheiro de fritura de torresmo percorria o ar na quase noite, significando que mais um dia de labuta terminara, e que não haveria mais nada a fazer a não ser mirar o horizonte descambando nas profundezas do rio, dar dois dedos de prosa se houvesse no que falar, assistir no máximo até o Jornal Nacional e desabar no sono isento de sonhos, pesado de canseiras.

Aquele cheiro gostoso ia longe, cortando por entre os tufos de bananeiras, chamando para a mesa de tábuas compridas. Era melhor que badalada de relógio ou sino de igreja, e Zeca Mata Boi vinha em passo batido se juntar à mulher Serafina e às filhas Rosicleide e Miralice para a refeição de costume, feita sempre e regularmente há mais de trinta anos na cozinha da casa de pau a pique construída por ele mesmo à beira do rio Turvo do Embaré Quase.

Não tinha aroma mais persuasivo naquele lugar em termos de culinária. Ia de casa em casa. Fustigava o padre recolhido em orações da Ave-Maria. Atormentava a velha doente da quinta casa da rua, que tossia a noite inteira. Acendia a gula dos que até melhor tinham diante de si, tal qual um franguinho guisado com quiabo e angu, ou

feijão tropeiro completo com lingüiça, couve e ovo frito.

Diga-se de passagem que, se o cheiro de torresmo das seis horas da tarde e até outros perfumes mais refinados, como o do sabonete do banho vespertino de Marilinda, se espargiam com tal perfeição, isso se devia àquele tipo de vento constante, persistente, que assobiando de mansinho penetrava em todos os cantos e recantos, sendo encanado e sujeitando a gripes e pneumonias no inverno. Por isso o lugarzinho foi batizado de Venteiros.

Sim, no frio era demais aquele vento, tornando o ar mais gelado do que devia, fazendo os cachorros uivarem para a lua com mais empenho que de costume, enregelando bichos e gentes que se ressentiam do alvorecer que os obrigava a sair dos seus quentinhos para as asperezas do tempo. Como era duro o inverno em Venteiros. Não só na rua única, onde a construção que valia a pena ficava por conta da igreja ladeada pela quitanda, pelo armariño, pelas casas melhorzinhas de dois andares e pelo posto de gasolina, como também nos pra lá que desmaiavam nas ladeiras salpicadas de casinhas simples como a de Zeca Mata Boi.

No verão, entretanto, o vento de Venteiros era, digamos assim, um certo alívio. Nas épocas medonhas do calor, onde o insuportável suor das criaturas se alia a certos fedores multiplicados, o vento se tornava brisa fraquinha mas reconfortante, condutora do perfume dos jasmineiros sob a lua cheia, e do aroma dos sorvetes de baunilha que o Quincas fabricava tão direitinho por volta das três da tarde, atração da meninada desvairada de recreio que vinha aos tropéis da escola de Maria Eremita só para desfrutar o geladinho da hora.

Venteiros, pacato lugarejo de uma rua só, sendo o resto desordem semi-urbanizada. Poucos habitantes, que de

tão poucos enfaravam em se conhecer, sendo que a maioria dos venteirenses havia se evaporado para centros maiores com cinemas, discotecas e todas as sem-vergonhices modernas que só as cidades grandes sabem ter. Ali, de típico, só os muitos cheiros que se evolavam no vento distraíndo as pessoas: cheiro de compota de goiaba, de pão de queijo, de lombo assado, ou mesmo os mais delicados, da alfazema ao alecrim, sem falar nos que não se deve mencionar por serem fedores, que de quando em vez escapam de lugares nada poéticos da vida humana.

Nesse recanto do mundo de muitas tranqüilidades e rotinas rituais, às vezes o tédio batia mais forte, principalmente nos moços e moças que lá restavam, nos quais a expectativa de existir vinha somada a imaginações e desejos que muitas vezes, por infundados que fossem, não deixavam de atormentar.

Sem dúvida me dão razão nessa questão que acabo de mencionar, por exemplo, as filhas do Zeca Mata Boi, mocetonas sacudidas, de saúde e intelecto quase animal, explodindo em perplexidades na aurora dos seus dezesseite e dezenove anos, respectivamente. Elas nunca haviam passeado seus olhares além da rua única de poucos atrativos, das bananeiras que circundavam toda Venteiros, do galinheiro no fundo do quintal e, naturalmente, do rio Turvo do Embaré Quase, local de lavar roupa e sempre propício ao atendimento de outras necessidades humanas, da pesca aos banhos e aos etc.

Os nove irmãos de Rosicleide e Miralice tinham ido buscar um destino mais adequado a homens, em algum lugar onde os prédios tocavam as nuvens, e os trovões não eram nada se comparados ao ronco dos motores dos carros que trafegavam aos montes por ruas largas e cheias de gente de sapato e tudo. Pelo menos foi o que con-

tou o caçula dos irmãos, o Godomides. Só ele apareceu numa Semana Santa na casa de pau a pique. Contou e voltou para não dar mais notícias, como os outros que haviam se tornado indiferentes a ventos, bananeiras ou cheiro gostoso de torresmo frito às seis horas da tarde.

Zeca Mata Boi deixara os filhos irem na maior das naturalidades. Mas as meninas ele retinha por companhia da mãe nos cuidados da horta e da cozinha e na esperança de que um dia alguém lembrasse delas para se casar nos conformes do vestido branco, véu e grinalda. E justo esse “se alguém lembrasse” é que deixava uns travos amargos e umas inquietudes naquelas moças que não conheciam, naqueles ermos, quem pudesse levá-las ao altar segundo as praxes do costume e da decência.

Naturalmente, não eram só as filhas do Zeca Mata Boi que se enfasiavam naquele grotão cheio de ventanias. A pacatez local incomodava muitos dos habitantes do lugarzinho, e fora as costumeiras maledicências que existem até nas melhores famílias, nada acontecia de excitante. Nem uma violenciazinha. Nem um estuprozinho. Nem um assassinatozinho. Nem uma galinhazinha furtada. Muito menos aquelas catástrofes onde morre gente aos montes nas fendas dos terremotos, nas águas revoltas das enchentes, ou sob as lavas dos vulcões, e que podiam ser vistas na televisão de maneira tão empolgante. Pois ao menos televisão Vinteiros tinha, o que se por um lado permitia contatos visuais com o mundo externo e vasto, por outro estabelecia contrastes de doer entre a vida passada nas novelas da Globo, nos filmes americanos, naqueles lugares de gente poderosa e chique, e a existenciiazinha de mequetrefe do povo de Vinteiros, sempre a falar mal uns dos outros no ruminar de suas invejas e frustrações.

Lógico que a televisão servia de divertimento, de companhia e de consolo aos vinteirenses. Quem vive sem ela hoje em dia? Nem eles. Mas ficavam meio jururus ao se comparar, no vestir e nas estrepolias, aos viventes de outros lugares que lhes apareciam tão nitidamente em plena sala de visitas, diante dos seus sofás. Aquelas extravagâncias passadas na telinha fraterna faziam com que no fundo de cada um brotasse desejos inconfessáveis e uma ansiedade imensa, como se aguardassem alguma coisa que estivesse por vir. Algo que sacudisse a mesmice abafada, tão parecida com o ambiente dos galinheiros no seu aspecto de eterno cacarejar e ciscar. E desse modo, quando o sol se adentrava pelo rio Turvo do Embaré Quase ao final das tardes, se via umas gentes cismarentas em Vinteiros, que no propício da hora aguardavam de sentinela aquelas coisas que só a noite pode trazer. O que era, não sabiam. Mas era.

Finalmente, talvez como um castigo para aquele povoinho que não sabia avaliar as felicidades que seu existir cabia, começou a acontecer para o arrependimento de muita gente um vir da coisa ansiada que não se sabia o que era. Mas era.

Foi numa noite de lua cheia, como é comum acontecer com fenômenos de além-imaginação, aos 21 de novembro, que *ele* apareceu quando faltavam exatos treze minutos para meia-noite. Na verdade, não se apresentou propriamente em pessoa, se é que isso viria a acontecer, mas só algumas de suas primeiras manifestações foram de arrepiar, e de interromper o sossego até da velha da quinta casa da rua que tossia a noite inteira, mesmo sendo ela surda como uma porta, meio cega e ainda por cima caolha, porém portadora de olfato suficiente para detectar o aroma que se evolava dos torresmos fritos às seis da